

COLUNA DO CASTELLO

MARCELO PONTES

Declaração de ACM incomodou o PSDB

Os tucanos ficaram com Antônio Carlos Magalhães atravessados na garganta, esta semana. A declaração de ACM pedindo que o PSDB puna os que trocaram a candidatura presidencial de Fernando Henrique Cardoso pela de Luís Inácio Lula da Silva despertou irritação em alguns setores da direção do partido, não só pela intromissão de um cacique do PFL em seus assuntos internos como pela falta de uma resposta mais dura a ACM.

É difícil dar uma resposta dura a um aliado como ACM, na hora da montagem de um governo coligado do PSDB e do PFL. Por isso, engoliu-se a seco o que ele disse. No máximo se ouviu da cúpula do PSDB que ACM ainda deveria estar abalado com os atritos que teve durante a campanha eleitoral com os tucanos da Bahia, que para evitar a companhia do ex-governador participaram da campanha de Lula. Os tucanos baianos são velhos inimigos de ACM. Os dois grupos, quando brigam, tentam dar status de confusão nacional às suas rivalidades paroquiais.

Mas dirigentes tucanos informam que uma segunda interferência de ACM nas questões internas do PSDB provocará uma resposta à altura. É difícil

imaginar, num partido de tão finos cavalheiros, quem, além do barulhento Ciro Gomes, que é amigo de ACM, teria coragem de trombar com ele. Mas a declaração do ex-governador da Bahia mexeu com os brios dos tucanos.

Eles reconhecem que não podem deixar passar em branco a rebeldia do PSDB da Bahia durante a campanha para presidente da República. Mas este, alegam, é um problema deles, e não de ACM. Internamente, o PSDB não pensa em levar os tucanos da Bahia a julgamento numa comissão de ética.

Imagina-se que esta seria a maneira mais rápida de constrangê-los a sair do partido, bem antes do julgamento. Não é isto o que se quer. Eles já foram julgados e punidos pelas urnas. O que o PSDB mais pensa em fazer, diante deste problema, depende de mudanças na Constituição: restabelecer o princípio da fidelidade partidária. Valerá apenas para as próximas eleições.

Quanto à que passou, não há nada a fazer a não ser o que, no fundo, os próprios tucanos já pretendiam fazer, antes mesmo de ACM criar este caso: tratar a pão e água no governo Fernando Henrique os cor- religionários que o abandonaram na eleição.

Batismo e bênção

Antônio Carlos Magalhães não lançou nem lançará o nome de José Sarney para presidente do Senado. Ele vê a candidatura de Sarney como a de qualquer outro. Sua posição é a de que, tanto na eleição de presidente da Câmara como na de presidente do Senado, o candidato tem que ter, quando não o batismo, pelo menos a bênção de Fernando Henrique. Tradução: Sarney, que na campanha presidencial evitou dar declaração pública de apoio a Fernando Henrique, terá que ir pedir

antes a bênção do presidente eleito. Luís Eduardo Magalhães, filho de ACM e candidato a presidente da Câmara, já foi batizado por Fernando Henrique.

ACM não acha que isto seja submissão do Poder Legislativo ao presidente da República. Segundo ele, é indispensável que os presidentes das duas Casas do Congresso tenham a anuência do presidente eleito, diante das circunstâncias de sua vitória na eleição — de forma avassaladora e incontestável, logo no primeiro turno.